

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Décio Moreira

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2025

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Coordenadoria Geral de Ensino Médio e Técnico/ Superintendência de Desenvolvimento de Materiais Educacionais e Programas Pedagógicos/Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, na sede administrativa.

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

O professor Décio Moreira foi aluno da Fatec SP e cursou o curso Movimento de Terra e Pavimentação, entre 1977e1978, da área de Construção Civil. Ingressou como professor na Fatec SP, foi Chefe do Departamento e é professor desse curso. Entre 2017 e 2021, foi diretor da Fatec SP.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: presencial, na sala do professor, no Edifício Oscar Machado da Fatec SP

Data da entrevista: 12 de setembro de 2025

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 54 minutos e 6 segundos

Número de vídeos: dois

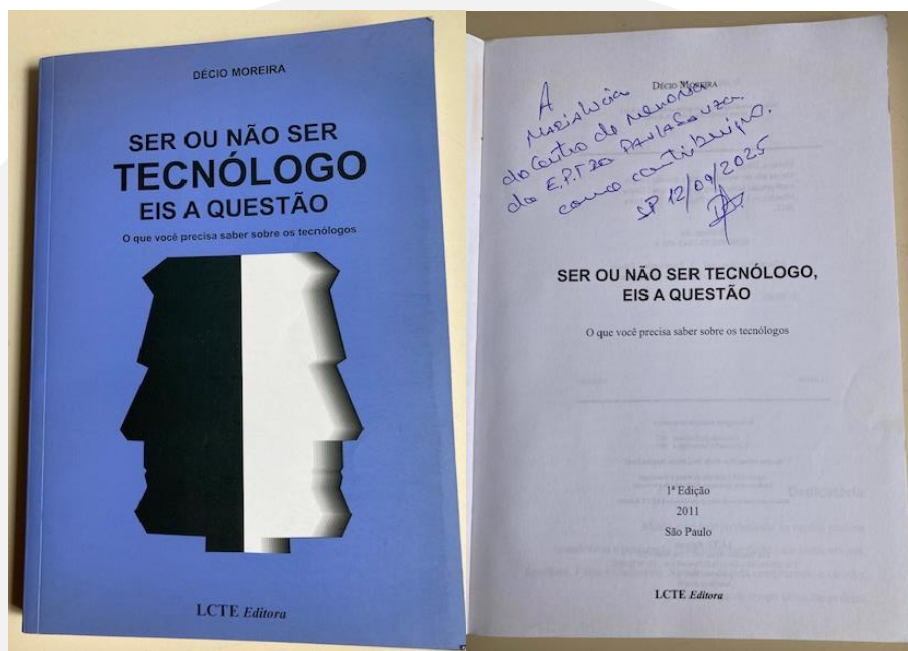
Transcrição: teve apoio de transcrição de IA pelo site TurboScribe.ai gratuito

Número de páginas: 22

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do programa “História Oral na Educação” para o projeto coletivo “Memórias do Trabalho Docente”, em função do professor e ex-diretor da Fatec SP

ter participado da Associação Paulista dos Tecnólogos na Fatec SP, ter sido presidente do Sindicato dos Tecnólogos do Estado de São Paulo e sempre lutado pela regulamentação da profissão do tecnólogo no CREA. Durante a entrevista o professor Décio Moreira doou ao Centro de Memória do Centro Paula Souza, o seu livro “Ser ou não Ser TECNÓLOGO EIS A QUESTÃO. O que você precisa saber sobre os tecnólogos” da Editora LCTE, de 2011.



Livro de Décio Moreira recebido durante a sua entrevista, em 12/09/2025.

No prefácio desta obra, o educador Francisco Aparecido Cordão (2011) que é titular da cadeira nº 28 da Academia Paulista de Educação, diz que:

Estou muito feliz pela oportunidade que o incansável tecnólogo Décio Moreira me concedeu, de prefaciá-la sua importante reflexão sobre a vital questão “ser ou não ser tecnólogo”. Trata-se de uma obra de leitura indispensável e obrigatória para todos os tecnólogos, escrita por um tecnólogo consciente e convicto de sua missão educativa. Esta não é uma obra apenas teórica. É a reflexão de um líder dos tecnólogos de São Paulo sobre sua própria atuação profissional como tecnólogo. [...] (Cordão. In: Moreira, 2011)

O vídeo dessa entrevista será difundido dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico.

Transcrição da entrevista

Datas da transcrição da entrevista: entre 12 e 13 de setembro de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno do colaborador: 17 de setembro de 2025

vídeo um: 29 minutos e 36 segundos

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, professor Décio Moreira. Eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista hoje, para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Para mim, Maria Lúcia Mendes de Carvalho. Hoje, que é dia 12 de setembro de 2025, aqui no departamento onde você é professor no curso de Estradas. Considerando a sua trajetória como tecnólogo, ainda do final da década de 70, o trabalho que você desenvolve no sindicato dos tecnólogos, considerando toda a sua trajetória, a importância que ela tem para a nossa instituição, para ficar para a história da educação profissional e tecnológica, é que eu lhe pedi, gentilmente, que concedesse essa entrevista para fazer parte do Programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, que depois nós difundimos, após aprovação, no nosso site de memórias institucional. Então, nós trabalhamos com história oral de vida e, por isso, eu gostaria de conhecer a sua trajetória: - se você estudou em escola pública, onde você nasceu, qual foi o motivo que te levou a escolher esse curso de movimentação?

Décio Moreira (DM): Movimento de Terra e Pavimentação.

MLMC: Exatamente. E depois, eu vi que você também continuou no seu mestrado na mesma área, transporte, tem afinidade, né? Então, se você pudesse deixar registrado a sua história de vida, é muito importante para nós.

DM: Muito bom, vamos lá, vamos tentar. Falar sobre a gente é sempre difícil, mas eu venho de escola pública, nasci em São Paulo, sou paulistano, a família toda paulistana e sempre trabalhei também desde jovem. Meus pais não tinham recursos para grandes escolas particulares e nada disso, mas a escolha da Fatec foi por acaso, porque o meu objetivo era fazer exatas. Em escola pública, USP, era o MAPOFEI à época.

MLMC: Eu fiz MAPOFEI.

DM: Aí não entrei, tinha na lista de aprovados, de candidatos do vestibular, tinham cinco Décio Moreira. Aí quando saiu o resultado do MAPOFEI, eu fui olhar o resultado, a lista, saía no jornal à época, e nenhum dos cinco entrou (risos). Aí um colega comentou da Fatec, e aí entrei na Fatec, gostei, e assim continuei, e estudei durante o dia. Um professor do meu curso de Movimento de Terra e Pavimentação me convidou para ser monitor de departamento à época, isso em 78. Entrei como monitor e me entusiasmei com esse movimento todo, faculdade, eram em dois anos à época o diurno, conseguia estudar no diurno, não à noite, e sempre envolvido com a escola, trabalhava numa construtora e fazia monitoria durante o dia em algumas horas, não era *full time*. Depois o que mais? Aí deixei a empresa, me dediquei à monitoria da faculdade, passei, fui promovido ao Auxiliar de Ensino, e aí fiquei o tempo integral na escola, na Fatec.

MLMC: Mas daí como Auxiliar de Ensino você teve que fazer concurso?

DM: Não, à época não tinha concurso, você era convidado, e aí gostei da disciplina de Topografia, foi um professor, abriu mão de aulas, me possibilitou ser assistente. Na época era Professor Auxiliar, tinha o Auxiliar de Ensino, Monitor auxiliar de ensino, Professor Auxiliar, depois é que vinha o Assistente Associado e Pleno.

MLMC: Em que ano foi que você ingressou como professor?

DM: Como Auxiliar foi depois de 79, 80, eu já era Professor Assistente, eu entrei como monitor, fiquei uns dois anos mais ou menos como Monitor e Auxiliar de Ensino, e daí passei por oportunidade um professor que saiu, teve aula e aí me contrataram como assistente, que era o primeiro nível de professor. E a partir daí, fui galgando, passei a professor associado, pleno, fui chefe de departamento, fui responsável pelo vestibular da Fatec. Enfim, fui diretor da Fatec de São Paulo, agora recentemente, 2017 a 2021. Fui diretor da Fatec de Franca, antes de ser aqui.

MLMC: Que período que você foi?

DM: Franca foi, tanto que eu moro hoje, em Franca por conta de Fatec.

MLMC: Que é uma boa cidade, né?

DM: Muito boa, aí eu fui para lá em 95, 96. Fui para implantar a Fatec de Franca, aí isso tudo na carreira docente, né, envolvido com a Fatec. Mas, com os tecnólogos, a gente começou a perceber, quando formados em 78, o registro no conselho profissional, o CREA, Conselho de Engenharia, eles nos recepcionavam, mas eram restritivas as atribuições, você aprendia na escola, mas não podia fazer, porque a regra, o corporativismo do grupo da engenharia, arquitetura e agronomia é muito forte. E aí começamos aqui na Fatec São Paulo, a um grupo chamado Grupo Emancipação, eram alunos, ex-alunos e professores tecnólogos que já existia na Fatec São Paulo. E aí começamos a nos movimentar para tentar valorizar a carreira, o tecnólogo ser reconhecido, enfim. E muitas atividades foram feitas, muitas palestras em Fatec, para falar sobre a nossa luta, nossa vontade de reconhecimento, até que num determinado momento, nós conseguimos participar do CREA, como representante dos tecnólogos, mas sem direito a voto, mas participávamos tentando mudar as resoluções que tratavam das atribuições profissionais.

MLMC: Mas já existia o sindicato quando vocês conseguiram?

DM: Não. Aí nós percebemos que precisaria ter uma entidade, antes do sindicato existia uma Associação dos Tecnólogos aqui na Fatec São Paulo. Eram colegas nossos, egressos, que fundaram por conta das dificuldades de concursos, enfim.

MLMC: E provavelmente até de se obter o diploma, que só aconteceu com a criação da UNESP, em 76?

DM: Não, na nossa época não tínhamos esse problema de diploma, não tínhamos essa preocupação. Com a escola, nós estávamos bem amparados, valorizados, e aí podíamos ser professores, aceitavam, contratavam. Depois, eu quando entrei era indicações, depois eu não me lembro a data exata, só ingressava como docente por concurso, e até hoje só concurso. Mas enfim, então tínhamos a Associação dos Tecnólogos que funcionava aqui na Fatec, ainda não existia o prédio novo A e B aqui, eram alas, prédios, porque funcionava a Escola Politécnica antes da Fatec. A Fatec começou em 69, foi criada, 70 começou os primeiros cursos.

MLMC: agosto de 70, de 1970.

DM: Isso, aí os três cursos de Civil, dois de Mecânica, e não era Centro Paula Souza, era Centro Estadual de Educação de São Paulo. Depois, quando a Fatec se tornou Fatec em 73, se não me engano, aí o centro mudou para Paula Souza.

MLMC: Mas foi por decreto, professor Décio, porque nós temos um documento que no Conselho Estadual de Educação, em 70, eles já pediram para o Conselho Estadual de Educação para criar a Fatec São Paulo.

DM: É, porque era o Centro Estadual.

MLMC: Isso, e quando mudou para Paula Souza, trocou de São Paulo para Paula Souza, os cursos se mantiveram os mesmos. Então, eu sempre digo o seguinte: - que a Fatec São Paulo começou em agosto de 70, porque os cursos foram mantidos, e a primazia é da Fatec São Paulo, porque eu sei que existe aí uma concorrência, quem surgiu primeiro, se foi Sorocaba ou se foi São Paulo, mas pela documentação, foi São Paulo. Só que tem todos esses trâmites aí, legais, né? Mas o primeiro nome que a Fatec São Paulo teve foi Centro Estadual de Educação Tecnológica São Paulo.

DM: A Fatec Sorocaba saiu, acho que em 73.

MLMC: É como eu me foco muito aqui, eu não lembro exatamente a data de Sorocaba, mas o decreto de Sorocaba é primeiro, o nosso é depois. Mas o Conselho Estadual de Educação levou dois anos para dar um parecer, aceitando a mudança de nome, né?

DM: Para se chamar Fatec. Mas os cursos foram iniciados aqui em São Paulo.

MLMC: Não se mexeu no currículo nada, são os mesmos cursos.

DM: Exatamente. Bem, aí, diante das dificuldades de reconhecimento e não aceitação em concursos públicos, esse Grupo Emancipação, junto com a Associação, começamos a nos movimentar. Foi a época em que conseguimos nos aproximar de um Conselho de Engenharia, que é o conselho que nos dá a maior dificuldade. Administração era um problema, mas depois se resolveu. Química não é problema. Enfim, o nosso calcanhar de Aquiles era a engenharia, porque os cursos eram todos da área da engenharia. Depois é que o Centro Paula Souza expandiu e começou a entrar em... Hoje temos, acho que, praticamente quase todos, mais de 80 denominações de cursos de tecnologia.

MLMC: Faculdades nós temos 86, né? Faculdades.

MLMC: É, Fatec. Agora, cursos?

DM: Cursos, eu acho que quase todos, menos aqueles de segurança, que é específico para carreira militar. Os demais, eu acho que o Centro Paula Souza já contempla todos em algumas unidades. Bem, aí, desse Grupo Emancipação, Associação, nós percebemos que, para participar do CREA e ter mais voz, precisaríamos de uma entidade. Aí, em 92, nós fizemos uma grande reunião aqui na Fatec São Paulo, e acho que tivemos, na sala 13S do prédio Santiago, acho que quase 200 tecnólogos, e ali fundamos o sindicato. E foi interessante que, quando fomos registrar o sindicato, já existia. Em 89, um grupo de tecnólogos, ex-alunos da Fatec São Paulo, fundaram o Sindicato dos Tecnólogos. Então, na verdade, nós buscamos um entendimento com esse grupo, descobrimos, na hora do registro, que existia. Aí fizemos um acordo e assumimos o Sindicato dos Tecnólogos, que existia desde 89, mas ninguém sabia.

MLMC: Olha, essa informação é valiosa!

DM: É, essa é valiosa. E nós não tínhamos nenhuma informação, né? Mas, enfim, e a partir daí, com o sindicato, nós conseguimos o registro do sindicato no conselho e começamos a ter representação como conselheiro, na Civil e na Mecânica, que eram os mais...

MLMC: Que até hoje o nosso forte...

DM: Até hoje é o drama, né? São cinquenta e tantos anos e até hoje a gente não conseguiu. A partir desse movimento do sindicato, a organização, nós tivemos alguns projetos de lei na esfera federal para regulamentar. Não somos a favor da regulamentação, mas é um caminho por conta das profissões que são regulamentadas. Porque, na verdade, muito das regulamentações são reservas de mercado. E nós não entendemos ser isso o caminho, mas, infelizmente, no país, como tudo é regulamentado, tudo, as prefeituras, os órgãos, né? Tem toda uma estrutura galgada em bacharéis, então os tecnólogos ficam à margem, né? Mas, de qualquer forma, evoluímos bastante. Algumas empresas incluem o tecnólogo já em concursos, mas ainda temos resistência. Muitos tecnólogos estão empregados, saem e têm emprego, mas algumas atividades fundamentais, projeto, planejamento, coordenação, direção, o Conselho de Engenharia não reconhece. Agora nós temos um projeto de lei, já o terceiro ou quarto projeto, mas um que está em tramitação atual, partiu de um acordo do

sindicato com o CONFEA, o Conselho Federal, e saiu um projeto via Senado que está tramitando nas comissões do Senado. E, paralelamente a isso, nós temos uma proposta de resolução que revoga a atual, a 313 (Resolução nº 313, de 26 de setembro de 1986), que restringe as atividades dos tecnólogos, inclusive algumas delas, um dos parágrafos menciona que essas atividades só podem ser executadas sob supervisão de engenheiros ou agrônomos, mesmo porque os técnicos e os arquitetos que estavam no mesmo pacote do CONFEA, do Conselho Federal de Engenharia, era o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, os arquitetos saíram, os tecnólogos continuam, os técnicos saíram, e assim ficou só engenheiros, engenharia, agronomia, geografia, geologia, meteorologia, estão todos no CONFEA. E assim foram anos e anos de discussões, participações, mas melhorou muito, nós temos uma fase antes da LDB, que era bem crítica, era a lei 5.000, antes da LDB...

MLMC: 5.540 (Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968)

DM: Ali nós éramos cursos de tecnologia, a tecnologia estava prevista.

MLMC: Era técnico superior?

DM: Não e nem isso, era um artigo que falava que as instituições de ensino poderiam oferecer outros cursos, inicialmente nós éramos esses outros. A LDB de 96 é que incluiu a graduação tecnólogo, isso, 96.

MLMC: Até então, a educação profissional não estava junto com uma lei única, é verdade, mas, por exemplo, eu vou sempre atrás da legislação, e antes mesmo de criar a Paula Souza, na primeira lei, que é lá de 1961, já aparecia a possibilidade de ofertar curso de nível técnico superior, eles usavam essa denominação, e foi assim que o Abreu Sodré entrou com a proposta de criar os tecnólogos.

DM: E os tecnólogos também, é assim, os primeiros formandos eram técnicos de nível superior, depois, se não me falha a memória, em 1973, um parecer, que daí denominaram tecnólogos. Mas, antes dos tecnólogos, dos técnicos de nível superior, já existiam os cursos de... como é que eles chamam? Técnico de nível superior, que era Contabilidade, Direito, já tinha Odontologia, acho que também era técnico de nível superior, ou pós-segundo grau, era alguma coisa assim que deu o perfil, e muito ligado à Alemanha e Estados Unidos, que se

não me falha a memória, a comissão que criou, que o Abreu Sodré criou para estudar, acho que não eram alemães.

MLMC: Não, eram professores da Poli e do ITA, inclusive da Poli era o Walter Borzani, que eu me lembro, e o Otávio (Octávio Gaspar de Souza Ricardo), que depois participou da criação dos currículos de Mecânica, ele também, acho que fez parte desse grupo.

DM: Aí criou... eram professores da Politécnica, mas de uma escola, acho que não alemã, acho que era uma escola americana e inglesa, que já tinham cursos com essa característica. Eu não gosto muito desse termo pós-médio, que é alguma coisa diferente. Mas, de qualquer forma, até 1996 nós tínhamos uma dificuldade e não éramos contemplados na legislação de uma forma explícita. A partir da LDB de 1996 (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) apareceu o tecnólogo graduado e, além dos níveis superiores, tinha o sequencial, o bacharel, licenciatura e o tecnológico, e o superior de tecnologia. E aparecia também o parecer, se não me falha a memória, 436 (Parecer CNE/CES 436/2001 - Cursos Superiores de Tecnologia – Formação de Tecnólogos) da... se não me engano é o 436 do Conselho Nacional de Educação, que tratou, num longo parecer, tratou o curso de tecnologia como graduação. Até então era outra dúvida que existia se o curso era superior ou não, e se superior de graduação ou não. E aí acabou com aquele termo pleno. Então tem o profissional pleno, que o Conselho de Engenharia até hoje usa. Então eles têm o profissional pleno e o profissional tecnólogo. E é tudo graduado.

MLMC: Licenciatura. Como eu queria ser professora, eu fiz Bacharelado, não fiz o Tecnológico (Química Industrial), porque eu tinha engenharia, estava terminando a engenharia, eu falei: - não vou fazer o tecnológico de química, porque eu tinha química tecnológica. E tinha Licenciatura Plena, eu falei: - vou fazer licenciatura plena, porque uma hora eu quero dar aula. Mas você vê, até hoje existe esse termo, licenciatura plena.

DM: Mas na graduação, na LDB, caiu o pleno. Então é graduado, bacharel, licenciatura e o tecnológico. Agora, todos são graduados, que era um outro tabu para a pós-graduação *stricto sensu*. E aí algumas escolas não aceitavam porque consideravam a carga horária baixa e não era graduado. Aí esse Parecer 436 caracterizou que pelas características, pela forma, por isso, por isso, por isso...

MLMC: Carga horária.

DM: Carga horária, os cursos de tecnologia são considerados de graduação. Então na lei hoje aparece graduado em tecnologia, alguma coisa assim naquele capítulo da educação profissional. (interrompeu)

Vídeo dois (25 minutos e 6 segundos)

MLMC: Professor Décio, eu me lembro muito da revista do Sindicato. Se você pudesse contar um pouco, quando surgiu essa revista?

DM: Olha, foi o Sindicato, como eu disse, ele, em 92, nós fizemos uma reunião aqui, criamos, ao levar para registro, descobrimos que, em 89, ele já existia. Então, em 92, foi a criação efetiva que assumimos. Em 93, 94, lançamos a primeira Revista do Tecnólogo. E ali a gente publicava tecnólogos de sucesso, a nossa briga, negociações com o Conselho de Engenharia. E nós sempre focamos no Conselho de Engenharia, porque era aquele que mais problema trazia para os tecnólogos. Mas, de qualquer forma, o Sindicato cresceu numa época em que a contribuição sindical era obrigatória. A partir daí, nós ficamos sem recursos, porque acho que contribuições hoje, atualmente, uns 100 tecnólogos pagam, de um cadastro que a gente tem de mais de 15 mil tecnólogos. Mas, nessa época, com esse dinheiro, nós conseguimos comprar um prédio, temos uma sede própria...

MLMC: Onde fica a sede?

DM: Na Alto do Ipiranga, 50 metros do metrô Alto do Ipiranga. Então, compramos lá um sobrado. Na parte do térreo funciona um posto de atendimento do CREA, que nos paga uma mensalidade e faz com que a gente tenha um funcionário e mantenha a estrutura. E as contribuições, pelo menos, se 100 pagam, é demais. Mas conseguimos, porque a contribuição era obrigatória, a contribuição sindical, e, com isso, conseguimos recursos para comprar a sede. O que a gente acha falta hoje é da intenção dos tecnólogos em se filiar. Porque, infelizmente, o sindicato hoje é muito politizado e as pessoas se afastam dos sindicatos pelo histórico dos grandes sindicatos que estão aí. Quando percebem que o sindicato dos tecnólogos não tem esse viés político, não é dependente de confederações, federações que ditam regras que não têm nada a ver com a luta que a gente tem de valorização e reconhecimento do tecnólogo, aí ele se aproxima. Hoje nós temos um representante tecnólogo na Câmara de Civil, dois na Mecânica e dois na Elétrica. Com isso, nós conseguimos uma negociação que vem de longa data, mas sempre mudando. Mas, de qualquer forma, a mudança da resolução deve estar breve. Quer dizer, é uma esperança.

MLMC: Isso dá mais autonomia para determinadas condições para o tecnólogo?

DM: A ideia é essa. A resolução remete ao CREA a análise do currículo, do projeto pedagógico. Porque hoje a escola fala que vocês podem planejar, podem dirigir, podem fazer isso, pode fazer aquilo, tem as habilidades do técnico, as competências. Aí chega no CREA, ele... Não, isso não pode, isso não pode, isso não pode.

MLMC: E como eles fazem fiscalizações nas empresas, se você estiver exercendo uma atividade que não é sua, cria problema.

DM: Cria problema de exorbitância. Enfim, então hoje não sou o presidente do sindicato, é o Pedro (Pedro Alves de Souza Junior) não é da Fatec São Paulo, nem do Centro Paula Souza, mas ele é de Guarulhos. Nós fizemos curso de tecnologia de Guarulhos. Enfim, com esses anos todos de trabalho, de envolvimento, palestras, o sindicato envolvido, nós conseguimos, para muitas instituições, a pós-graduação em *scripto sensu*. Eu acho que já é possível. Eu mesmo fiz um mestrado na Poli, coisa que... Chegou uma época em que eles lançaram uma publicação, um chamamento para inscrição na pós-graduação da Poli, dizendo que não aceita tecnólogo. Aí uma manifestação do superintendente, à época, reverteu e eles aceitavam a participar do processo seletivo.

MLMC: Quem era o superintendente? Horiani (Elias Horiani)?

DM: Não, acho que era o...

MLMC: Oduvaldo.

DM: Oduvaldo, à época.

MLMC: Oduvaldo Vendrametto.

DM: Vendrametto, isso. Professor de Física.

MLMC: Inclusive, na época do Oduvaldo, ou já do Ruy, os professores...

DM: Antes, o Ruy (José Ruy Ribeiro) primeiro.

MLMC: Então, acho que começou na época do Ruy que os professores foram para a Alemanha, foram para a França.

DM: Isso. Tivemos intercâmbio aqui. Tínhamos, inclusive, no prédio Oscar Machado, um laboratório em que a responsabilidade era um professor que veio da Alemanha, das Hochschule (Technische Hochschule).

MLMC: E era em que área?

DM: Mecânica. Era na área de mecânica.

MLMC: Tem relação com esses automóveis que os alunos até hoje produzem aqui embaixo (piso térreo do prédio Oscar Machado)?

DM: Não, não. O Baja, não. O Baja (veículo construído pelos alunos) é uma atividade que os alunos fazem, mas não tem nada a ver com esse intercâmbio. E teve um período em que... Porque nós, os professores e os monitores, não eram contratados por 40 horas, tempo integral. Aí teve um determinado momento em que o Centro Paula Souza, eu acho que na época do... A professora Helena Peterossi era diretora da Fatec.

MLMC: Acho que em 94, 95.

DM: Ou antes. Eu acho que antes.

MLMC: Ela entrou, acho que em 73 ou 76.

DM: É. Eles... Gerou-se uma política de interessados em jornada de 40 horas. E aí foram contratados vários professores para 40 horas. A maioria deles tecnólogos, e alguns deles participaram desse intercâmbio na Alemanha, que existia esse convênio, essa tratativa. E até hoje eles têm 40 horas, porque entenderam na época que a escola precisaria de pessoas se dedicando o maior tempo para a escola.

MLMC: Então isso tem relação com os projetos RJI, então, já desse período?

DM: Também, também. Só que esse pessoal não tinha vínculo com o RJI. Eles poderiam apresentar... Eles foram contratados por 40 horas para desenvolver atividades na escola.

Projetos ou não projetos. Administração, aula. Eram contratados para ficar o tempo integral na escola e a escola ter uma produção acadêmica mais efetiva. Depois parou esse processo e agora estão num novo plano de carreira. Agora me parece que há uma intenção de contratar por jornadas. Integral, parcial, enfim. Por conta do ICT também, né?

MLMC: Então, no Centro de Memória nós temos dois Cadernos de Pesquisas que foram produzidos na época que o Kazuo Watanabe estava como superintendente. No mesmo período, também, temos uma coleção de revistas que chama *Syntheses* que foi coordenada com o professor Almério (Almério Melquíades de Araújo) registrando os projetos que foram desenvolvidos nesse período, 92, 90, que é o período do Watanabe. Então, a impressão que me dá é que se tinha intenção de desenvolver pesquisa na instituição. Até porque tinham esses professores que tinham vindo da Alemanha, da França, né? Mas talvez isso não tenha se desenvolvido.

DM: É, nunca foi muito... Eu acho que a pesquisa no Centro Paula Souza nunca foi tão expressiva. Pouco incentivada. Agora, com o ICT, talvez haja um...

MLMC: Uma outra coisa.

DM: Um incentivo mais efetivo.

MLMC: Na época do Oduvaldo Vendrametto, se pretendia criar a Universidade Tecnológica. Isso em 80 e pouco.

DM: Eu acho que até antes disso, antes do Vendrametto. Foi, inclusive, um período de discussões homéricas aqui, porque indicaram um professor de Campinas para ser o superintendente ou coordenador na época.

MLMC: Para ser o reitor.

DM: Reitor. E isso gerou um desconforto total e acabou morrendo... O processo foi arquivado.

MLMC: Então, mas isso demonstra a dificuldade de diálogo que nós temos. Não sei se o motivo é ser uma autarquia. Agora que se transformou em ICT, porque antes nós estávamos dentro da Secretaria de Ciência e Tecnologia, mas não era o Instituto de Ciência e Tecnologia, como é o Instituto Butantan, como é o IPT.

DM: Nós estávamos como o ensino superior, como o UNICAMP, a UNESP, todas as universidades lá.

MLMC: Mas eles têm pesquisa. A gente não tem recurso para pesquisa.

DM: É isso que eu digo. O Centro Paula Souza não tem incentivo efetivo para pesquisa. O professor tem que fazer a sua pesquisa e correr atrás de tudo.

MLMC: Acaba sendo isolado. Porque se é uma decisão institucional, você tem grupos bem estabelecidos de pesquisa.

DM: E tem recursos que ajudam. Porque isso depende de laboratórios, depende de congressos.

MLMC: E não são projetos só anuais. Você tem que ter um cenário onde os projetos vão se alimentando ano a ano.

DM: Exatamente.

MLMC: Então, isso eu sinto uma dificuldade. E que nós poderíamos estar muito melhor. Acho que nós temos cabeças pensantes.

DM: Tem muita gente com esse perfil de pesquisa e que acaba não sendo aproveitado porque depende de um esforço institucional que é baixo, pelo menos por isso.

MLMC: Tem que ter um plano estratégico.

DM: Exatamente. Tem que priorizar.

MLMC: Porque nós trabalhamos em cima de planos de meta, com projetos anuais. Mas, às vezes, até um pouco isolados. Se você tem isso, que vem como um guarda-chuva...

DM: Se isso faz parte do plano estratégico institucional com uma força maior que você tem. É lógico que...

MLMC: Eu peguei um resumo só, da dissertação do Kazuo Watanabe na internet. Porque, naquela época, não tinha digital. E a gente também não tem a dissertação dele aqui. Ele e o Paulo Yamamura fizeram na mesma época. E, na dissertação deles, eles fazem sobre os paquímetros que os alunos faziam. Então, isso mostra... E como os nossos alunos, na década de 50, nas escolas técnicas, também faziam os compassos. Assim, os instrumentos que eles precisavam de trabalho eram produzidos nas oficinas da escola. Isso mostra as nossas dificuldades enquanto país. Mas, por outro lado, também mostra o interesse.

DM: A criatividade.

MLMC: Criatividade, eu mesmo sou fruto do período no regime militar em que o governo era fechado. Eu trabalhava na Rhodia e montei uma... Junto com a oficina mecânica, nós fizemos uma bomba centrífuga de baixa vazão que não se encontrava no mercado nacional. Então, os franceses, inclusive, ficavam abismados com a nossa criatividade, que eles chamavam de gambiarra. Mas aconteciam as coisas. Então, acho que nós, brasileiros, temos esse perfil. Por isso que não para. Se estimulado, vai produzir.

DM: Sem estímulo, produz. Imagina com estímulo.

MLMC: E nós temos, acho que, um corpo técnico que, se juntasse, estaríamos muito melhor.

DM: Eu acho que precisaria ter mais incentivo. Agora, voltando para a realidade atual, manter o que existe. Isso é fundamental. Nós temos aí o Edifício Paula Souza. Está se deteriorando e não tem recurso. Enfim, eu acho que são coisas que precisa existir, priorizar para manter o que tem, incentivar a pesquisa.

MLMC: E esse edifício, essa construção, é um exemplar histórico da construção civil. Ela foi criado por um grupo de engenheiros da Politécnica, do qual o nosso patrono, Paula Souza, fazia parte. E ele foi tombado, em 2002, pela Paula Souza, porque esse edifício foi comprado pela nossa instituição. Então, tanto o Edifício Paula Souza e, alguns meses depois, o Santiago.

DM: E aí, as alas todas...

MLMC: Agora, ele é um edifício público, portanto, precisa de apoio institucional para a sua manutenção e para a sua preservação. Agora, no caso, é restauro mesmo, porque...

DM: É restauro. E a sala da congregação tem um afresco que, se não manter, não fizer um trabalho de restauro, vai acabar se perdendo, né? Uma judiação.

MLMC: Nós temos até no documento de tombamento, que foi elaborado pela Paula Souza, por isso que me chamava a atenção, porque o Marcos Monteiro, ele que entrou com o pedido. Eu pensei, se ele entrou com o pedido, é porque nós devemos ser donos, né? E só em 2018, que através do CADA (Comissão de Avaliação de Documentos e Acesso), que estava revendo os documentos, trazendo documentos do arquivo lá de Jundiaí, que ficou constatado... Tem toda a documentação, inclusive nota fiscal de compra da Escola Politécnica, foi comprado em algumas prestações, esses edifícios, né? Mas eles são nossos, por isso que o Marcos Monteiro, foi ele que entrou com o pedido de tombamento e não a Escola Politécnica, porque foi comprado da Escola Politécnica esses edifícios, né?

DM: Eu acho que teve negociações para a Escola Politécnica retomar ou restaurar, mas eu acho que desistiram pelo volume financeiro que precisaria dispensar, né?

MLMC: Então, o que aconteceu foi assim, eu encontrei em um dos cursos, ou evento na área de patrimônio, com uma professora que trabalhava com acervo. Acho que ali naquele espaço da Escola de Minas, lá na Politécnica, tem um espaço de memória. E ela me contou o seguinte, eles conseguiram aprovar um projeto na Lei Rouanet, só que eles não conseguiram ter empresários que bancassem...

DM: Ah, o restauro.

MLMC: Isso. Então, você vê... Eu não sei se é desse prédio, na época ela só me falou que tinha um projeto, né, de... talvez até lá na Poli mesmo, na cidade universitária. Eu não cheguei nesse... Na época, eu não questionei sobre isso, né?

DM: É, quem me passou essa informação foi o meu orientador na Poli, que estava em tratativas, a tentativa de restauro pela Politécnica por conta de ter passado por aqui, ter um histórico.

MLMC: Pode ser, porque...

DM: Mas também são conversas de corredor, né? A gente não tem a informação...

MLMC: Então, mas essa senhora me disse... Assim, tinha aprovação da Lei Rouanet, mas não tinham empresas que apoiasse.

DM: Você vai atrás, né?

MLMC: Isso a gente sabe que aqui no nosso país é difícil, né? Nós vivenciamos isso o tempo todo, né?

DM: Mas, enfim, eu acho que foi... Está sendo até hoje, né, uma luta para poder tentar reverter essa posição dos conselhos profissionais. Como disse, Química, Administração já é mais pacífico, eles entendem e atribuem responsabilidades para os tecnólogos. Agora a Engenharia, nós estamos há 50 anos brigando, sempre há um quê, um não dá, não é oportuno, aí mudam os conselheiros, aí você negocia.

MLMC: Começa novamente.

DM: Ajusta, aí muda os conselheiros, aí você tem que começar tudo de novo, mas está bem encaminhado o projeto de lei e a mudança da resolução. Então, é isso aí.

MLMC: Professor, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós, ter concedido hoje. Eu vou transcrever a entrevista, vou mandar para você com os documentos, com os termos de autorização, pedindo autorização depois da sua revisão para hospedar no site de memórias. Eu também gostaria de agradecer a doação para o nosso centro de memória do seu livro “Ser ou não ser tecnólogo, eis a questão”, de 2011. É importante para o nosso acervo nós termos obras do nosso pessoal. Isso vai ficar para a memória dos que virão.

DM: Dos que virão.

MLMC: Vão nos substituir. Espero que dê continuidade a esse trabalho. Eu também espero que a Paula Souza cresça mais. Que se criem mais centros de memória nas Fatecs, que tem muita história para deixar. Eu sempre falo que a Paula Souza é o que é pelo corpo técnico que tem, pela dedicação dos professores.

DM: Pelas pessoas.

MLMC: Pela relação de pertencimento que nós temos com essa instituição.

DM: Isso aqui a gente brinca, é que nem cachaça. Você gosta, participa, briga, mas está sempre firme e positivo. Estamos acreditando ainda.

MLMC: Muito obrigada, professor.

DM: Imagina, estamos à disposição.

MLMC: Boa tarde.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Fatec de São Paulo

Tecnólogo em Movimentação de Terra e Pavimentação

Tecnólogo em Estradas

Edifício Oscar Machado

Edifício Paula Souza

Edifício Santhiago

Escola Politécnica

Décio Moreira

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Associação Paulista dos Tecnólogos

Sindicato dos Tecnólogos do Estado de São Paulo

Monitoria

Auxiliar de Ensino

Monitor auxiliar de ensino

Professor Auxiliar

Assistente Associado

Associado Pleno.

Grupo de Emancipação

CREA

Parecer CNE/CES 436/2001

Revista dos Tecnólogos

Pedro Alves de Souza Junior

Oduvaldo Vendrametto

José Ruy Ribeiro

Marcos A Monteiro

Cadernos de Pesquisas

Centro de Memória

Revista *Syntheses*

Kazuo Watanabe

Almério Melquíades de Araújo

Projetos RJ1

ICT

CADA

Intercâmbio com a Alemanha

Octávio Gaspar de Souza Ricardo

ITA

Walter Borzani

Dados Biográficos do Entrevistado



Décio Moreira - Possui graduação em Movimento de Terra e Pavimentação pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1978) e mestrado em Engenharia de Transportes pela Universidade de São Paulo (2004). Foi Diretor da FATEC-SP - CEETEPS (2017-2021). Tem experiência na área de Engenharia de Transportes, com ênfase em Informações espaciais, atuando principalmente nos seguintes temas: topografia, imóvel urbano, imóvel rural e imóvel (registro) e Educação Tecnológica. É Secretário da Comissão de Estudos de Serviços

Topográficos do COBRACON / ABNT. É Diretor do Sindicato dos Tecnólogos do Estado de São Paulo. Presidente da Associação Brasileira de Educação Tecnológica - ABEDUTE. Participou do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia - CREA-SP. É membro do Fórum da Educação Profissional do Estado de São Paulo - FEPEESP. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/7751942457709975> Acesso em: 12 set, 2025.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiten, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas

(2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em: 10 set. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Décio Moreira

Termo de uso de Imagem de Décio Moreira